

1º A T O

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

Augusta - (em 2º plano) Permite, professor?

Diogo - (projeta) Permito. Pode entrar.

CONTRA REGRA - PASSOS VELHOS SE APROXIMAM.

Augusta - (com os passos) Isabel mandou rosas outra vez.

Diogo - Gentil essa menina. Não existe, talvez,  
entre as alunas todas que possuo,  
outra que busque tanto me agradar.  
Sempre tem um carinho... uma atenção...

Augusta - Pois a mim, francamente aqui lhe digo:  
tal ternura e tamanha devoção  
muito me desagradam. É um perigo.

Diogo - Ora essa! Eu, por mim, não vejo mal  
em ser alguém gentil com o professor.  
Vamos ver, diga logo, por favor,  
por que te desagrada, que mal tem?

Augusta - Francamente... eu não sei si faço bem  
em revelar os meus pensamentos,  
mas na vida da gente ha tais momentos  
em que a gente não pode se conter.  
Eu deveria calar. Talvez fôsse melhor...

Diogo - Mas não quero que cales. Vais falar e dizer.  
(Pausa e tom) O que vês de maior?

Augusta - O que o senhor não vê,  
porque vive nos livros e afastado de tudo.  
A luz daqueles olhos de veludo,  
quando os vejo pousados no senhor,  
é diferente: estranha e misteriosa.

Diogo - Ora qual! Isabel é uma menina  
que eu compare a uma rosa purpurina  
que se abre ao sol e fica extasiada

com a luz que realça a sua beleza.  
Eu posso te afirmar - e com certeza -  
que estás muito enganada.

Augusta - Isso é que não!  
Seus olhos traem todo o seu amor,  
toda a sua ternura insopitada,  
toda a febre e o delírio da paixão.

Diogo - Engano teu, Augusta. Estás errada  
nessa tua maneira de pensar.  
Tudo que pensas ver em seu olhar  
nada mais é do que admiração.

Augusta - Eu repito que não.  
Sou uma velha, bem sei e, certamente,  
o senhor pensará que estou demente  
ou que já não entendo deste assunto.  
Sou velha, mas amei na mocidade  
e até hoje me lembro, com saudade,  
do meu querido amor hoje defunto.  
E essas coisas, por mais que os anos vão,  
não as esquece nunca o coração!  
É por isso que afirmo sem receio,  
que essa menina gosta do senhor.

Diogo - Nem repitas tolices semelhantes!  
Ela é pouco mais que uma menina  
e eu pouco menos sou que uma ruína.  
Podia ser seu pai.

Augusta - Não é o bastante,  
Quantos casos de amor disparatado  
têm-se visto na vida!  
É por isso que eu vivo consumida,  
receando o que possa acontecer.  
Ajudei sua mãe a lhe criar  
e quando ela morreu, tomei o seu lugar.  
É justo que lhe queira como a um filho

e procure guiá-lo para o bem.

Diogo - Eu sei e compreendo o teu cuidado,  
mas podes afastar o teu receio  
que me parece um tanto exagerado.  
E ademais, si ainda assim acontecesse  
de vermos confirmada essa impressão,  
eu teria o bom senso de alertá-la,  
fazendo-a despertar para a razão.

Augusta - Eu sempre confiei no seu critério  
e o seu nome - bem sei - ninguém ataca,  
mas o homem é carne... e a carne é fraca  
e ven daí, talvez, o meu receio.

Diogo - Isabel é menina de outro meio,  
dessas que embora a gente as tenha perto,  
sente que estão bem longe e não se atreve,  
um momento, sequer, a pretendê-las.

por saber que são loucas fantasias.  
É o mesmo que se voar alguém bem alto,  
na ilusão de, no céu, colher estrelas  
e retornar, depois, com as mãos vazias!

Não precisas ter estejas certa  
que é sem razão alguma o teu cuidado.  
Si jovem, tive sempre equilibrado  
o senso e a razão,  
não será agora, já depois de velho,  
quando tenho cansado o coração,  
que hei de fugir à norma e enveredar  
por um caminho falso e tortuoso.  
Não farei tal, estejas descansada.

Augusta - Inda bem. Louvado seja Deus que é tão bondoso  
e a doce mãe de Deus seja louvada!...

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL

Alfredo - Isabel, eu preciso te falar.

Tens, acaso, uns momentos disponíveis  
em que possas me ouvir com atenção?

Isabel - Tenho, sim, óra essa! Por que não?  
Sempre foste um colega a quem quis muito  
pela tua maneira respeitosa  
e a tua admirável distinção.

Alfredo - Eu nem sei como possa agradecer  
tantas e tão bondosas referências.  
Tenho mesmo a impressão de que exageras  
neu modo natural de proceder.  
Nada faço, afinal, que obedecer  
à imposição das minhas preferências.

Isabel - É possível, mas inda que assim seja,  
elas se inclinam, sempre, para o bem.

Alfredo - Obrigado outra vez e comecemos  
o assunto que tenho a te falar.

Isabel - Sou toda ouvidos; podes começar.

Alfredo - É que escutei, entre os demais colegas,  
certos cochichos e insinuações  
sobre historia de  separatada  
em que estão envolvidos corações  
de duas criaturas que admiro  
e que não desejava - nem por graça -  
que fossem objeto de sarcasmo,  
de maldade, ridículo ou chalaça.

Isabel - O que disseste basta. Já sei tudo.  
Referes-te, na certa, ao meu amor  
pelo homem que é nosso professor.

Alfredo - Isso mesmo, Isabel; será verdade?...

Isabel - Por que tamanho espanto? Ou há de mais?  
Será ele, talvez, algum perverso?  
Assassino? Ladrão? Algum tarado?  
Ou tereis cometido o vil pecado

de amar um homem que já é casado  
e que a outra já deu seu coração?

Alfredo - Não é isso, Isabel. Tu bem sabes que não.  
Ninguém o admira mais que eu  
e aluno algum será mais seu amigo.

É um nobre coração e um caráter sem жаça.

Não existe sacrificio que não faça  
para dar alegria a quem mereça  
e a felicidade a quem a implore,

mas precisas pensar, com a cabeça,  
na loucura que queres praticar.

Passado o entusiasmo do momento,  
quando os sentidos derem seu lugar  
às sãs reflexões do pensamento

Alfredo - e a razão começar a falar forte,  
ai então o arrependimento  
se apossará de ti, estejas certa.

É por mais que tu'alma sofra e chore,  
será presa de triste e amargo tédio.

Já então será tarde e, desgraçadamente,  
para o teu mal não há remédio.

É enquanto tudo isso acontecer,  
tá não debes nem poderes esquecer  
que elle estará soffrendo muito mais!

Isabel - Achas, então, que devo desistir  
dessa "aventura", não?

Alfredo - Isabel, por favor!

Isabel - Ora, Alfredo, que tem?

Não será, por acaso, desse modo  
que classificas o meu sentimento?

Alfredo - Alto lá, Isabel! Nem um momento

- eu te juro por Deus! - tal pensamento  
veio encontrar guarida em minha mente.

Aventura é uma coisa... outra coisa é ilusão.

Ache que falei claro e sem dar vasa  
a que penses em coisa diferente.  
Tú fizeste uma grande confusão.

Isabel - A confusão quem stá fazendo és tú,  
classificando assim, errôneamente,  
um anôx que brotou, sincero e ardente,  
do meu franco e rebelde coração.  
Não penses tú que não lutei bastante  
contra as imposições que êle fazia.  
Eu lhe dizia: coração, medita,  
olha bem o caminho onde me levas,  
pra que eu não tenha que chorar, depois.  
Há uma distância grande entre nós dois:  
mal desponta a alvorada em minha vida  
e a d'êle vai andando para as trevas.  
Eu falava... falava... mas sentia  
que o coração, teimoso, não me ouvia  
e que eu estava me cansando em vão.  
Que fiz, então? Cedi. Fechei meus olhos  
para não ver as pedras e os abrolhos  
e segui, em silêncio, coração.  
Queres tú que eu agora retroceda?  
Não e não!

Alfredo - Quero fazer-te despertar do sonho,  
antes que sofras a desilusão.

Isabel - Ouve, Alfredo:  
não te dê mais cuidado a minha vida.  
Cuida da tua que não fazes pouco.

Alfredo - Isabel, isso é um sonho; um sonho louco  
e si não te intimida o sofrimento,  
é preciso, afinal, que tomes tanto  
para não arrastar, nessa imprudência,  
almas que têm vivido a vida inteira  
na pureza, na paz e na decência,

como é o caso do nosso professor.  
Que arrisques o que é teu... é lá contigo,  
mas esmagar o coração amigo  
do nosso caro mestre, é impiedade.  
Tá és moça e afinal... na tua idade,  
vai-se um amor... logo outro amor desponta,  
mas com êle sabemos bem que a conta  
já vai chegando ao fim e um tal desgosto  
vai sulcar de mais rugas o seu rosto  
e a cabeça de mais cabelos brancos!  
Isabel, por favor, ouve-me e pensa:  
sua alma errará, por tua culpa,  
pelos ârmos caminhos da descrença.

Isabel - Já te disse que o amo e não desisto.

Alfredo - Bem... si assim é...

Que me resta fazer, diante disto?

Isabel - Ficar quieto e calar.

Alfredo - (sangado) Eu não me calarei!

Isabel - Pois então faze lá o que bem quizeres.

Alfredo - Valei-me, Santo Deus, e respondei:

por que são tão  as mulheres?!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Alfredo - (28 plano) Licença, professor?

Diogo - O que?! Você, Alfredo?! Veio cedo demais.

Que foi que aconteceu?

CONTRA REGRA - PASSOS SE APROXIMAM.

Alfredo - (vindo com os passos) É que eu... bem..!

Já lhe digo... É que hoje eu...

bem... eu não vim receber a sua aula;

vim para conversar com o senhor.

Diogo - Muito bem. Queira então sentar-se e fale.

(Pausa) Mas que tem? Está nervoso? Embaraçado?

Alfredo - Confesso-lhe que sim. O assunto é delicado

e eu nem sei como deva começar.

Diogo - Vou tentar ajudá-lo. Quer deixar-me, talvez e buscar outro mestre pra estudar?

Alfredo - De maneira nenhuma! Absolutamente! Para mim o senhor é o maior mestre e não existe alguém mais competente.

Diogo - Comovido agradeço o seu conceito; mas vamos começar. Diga o que está sentindo que eu prometo escutar com atenção.

Alfredo - O problema que quero debater, diz respeito ao seu próprio coração.

Diogo - (queimado) O que?! Você também?!...

Alfredo - Por que "também"? Alguem já lhe falou?

Diogo - A velha Augusta que, com seu cuidado, em vez de me afastar do precipício,

acabou por jogar-me dentro d'ele.

Alfredo - Mas enfim, infelizmente tem aquele que, errando, reconhece estar errado.

Diogo - Já terá, assim, meio caminho andado para, adiante, achar a salvação.

Pois no afan de ajudá-lo no caminho

é que me encontro , com carinho, venho estender ao mestre a minha mão.

Diogo - E si eu a recusar?

Alfredo - Pensarei, com tristeza,

que o bom senso, o critério, retidão e nobreza, que foram apanágio de um belo coração, os anos, implacáveis, levaram de roldão.

Diogo - Eu sei. Compreendi, bem claramente, o que está pretendendo insinuar. Acha que o amor, depois de certa idade, só por loucura pode-se explicar. Mas então como irá classificar as loucuras que faz a mocidade?

Alfredo - De loucuras também, mas há uma diferença:  
a mocidade - sabe-se - não pensa  
e os erros se relevam facilmente.  
Já o mesmo não se faz a quem, experiente,  
erra sabendo o peso de uma culpa.

Diogo - E você, por acaso, pensará  
que a loucura suprema de um amor  
não oferecerá  
para um homem que seja já mais velho,  
o mesmíssimo encanto e igual sabor?

Alfredo - Terá sabor, mas não terá desculpa.

Diogo - Ouça, Alfredo:

Alfredo - quem viveu, como eu, toda uma vida  
envolto na penumbra do abandono,  
quem perdeu tantas noites o seu sono  
a pensar num futuro malogrado,  
quem sorveu, gota a gota, o trave amargo  
da mais negra e terrível solidão,  
quem sentiu essa angústia cruciante  
do pranto amargo que não foi chorado  
e ficou, para sempre [redacted],  
a torturar seu pobre coração,  
quem andou de mãos dadas, tantos anos,  
com a tristeza, o abandono e os desenganos,  
buscando, sempre, uma felicidade,  
sem achar a maneira de encontrá-la,  
pode ser censurado só porque  
já no ocaso da vida, um dia a vê  
e estende, ansioso, as mãos para alcançá-la?  
Não me parece justo, meu amigo!  
Sou humano também e anda comigo  
um coração que pulsa como o seu.  
Ele deseja amor... felicidade...  
quer a luz que lhe empresta a mocidade

e que a vida, madrasta, não lhe deu.  
Que seja um desvario ou uma loucura;  
que seja uma ilusão ou um desatino;  
mas depois de um ansêio recalçado  
desde os tempos remotos de menino,  
quando o destino tras à minha porta  
a luz de uma esperança quasi morta,  
só porque pensam todos que sou velho,  
acham dever que eu renuncie a tudo?  
Pedem demais a um pobre ser cansado!  
É o mesmo que exigir de um afogado  
que não se agarre à corda que lhe atiram.  
(revolta) Que me dispan do manto de pureza  
com que um dia, por graça, me vestiram;  
que feneçam os lírios da virtude  
que puseram no altar da minha vida;  
que se apague essa auréola de bom senso  
que me tornou num homem quasi santo.  
Nada disso me importa e só o que penso  
é que amo Isabel e a quero tanto  
como sei que tambem a quer!  
Quanto ao mais... gritem todos contra mim,  
vociferem, comentem, esbravejem!  
Eu estarei feliz quando me beijem  
aqueles doces lábios de mulher!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE CARACTERÍSTICA - FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO 2º ATO.

Alfredo - Dona Sulália! A senhora em minha casa?!...

A que devo o prazer da sua visita?

Sulália - Estou nervosa, Alfredo, estou aflita  
e venho suplicar a sua ajuda.

Alfredo - Si eu lhe puder servir...

Sulália - Estou certa que sim.

Conhecendo Isabel desde criança  
e sendo tão amigos, como o são,  
em você é que está minha esperança.  
Mas deixe-me contar-lhe o que se passa:  
Isabel, por capricho, ou por desgraça,  
resolveu se casar sabe com quem?  
com um homem que pode ser seu pai!

Alfredo - Eu sabia de tudo, minha amiga.

Eulália - E não me preveniu!... Não compreendo.

Alfredo - É que são coisas muito delicadas  
e que além disso podem ser tomadas  
por disque-disque, ou mesmo por intriga.  
Por isso não falei.

Eulália - Não havia razão.

Você sabe que sempre me inspirou  
a maior confiança  
e a prova insofismável  
que o considero e o tenho em alta conta,  
é que bra aqui estou, nervosa e tonta,  
a confiar-lhe a minha apreensão.

Eulália - Precisava de algu... me ajudasse

Alfredo - e você foi, de todos, o escolhido.

Alfredo - É uma honra tão grande que nem sei  
si a estarei realmente merecendo.

Eulália - Merece, sim; mas como ia dizendo,  
Isabel, como eu, muito lhe estima  
e lhe tem como amigo preferido.  
Sendo assim, eu bem sei que ela ouviria  
com mais calma e melhor disposição,  
qualquer conselho seu ou exortação.  
O que dizem os velhos, geralmente,  
os moços não acatam e ainda pensam  
que é tudo ransinsise ou prevenção.  
Si você lhe falasse...

Alfredo - Já lhe falei bastante.

Ela me fez calar no mesmo instante  
e mandou-me sair. Diz que o adora  
e deseja com ele se casar.

Eulália - Valha-me Deus do Céu!... Foi o que disse a mim,  
mas pensei que o dizia, simplesmente,  
pra me contrariar. Sabe o que disse mais?

Isabel - Si tiver de escolher entre êle ou meus pais,  
com êle ficarei. E digo, ainda:  
si tentarem matar minha ilusão mais linda,  
não quero mais viver e então me matarei!

Alfredo - Dona Eulália, que horror!... Que tãla obsessão!

Eulália - Hoje ele irá pedir a sua mão  
e estamos nós neste cruel dilema:  
deixar casar-se assim... é muito triste  
mas deixar que se mate... é tristeza maior.

Alfredo - Tem razão. Dos dois males que a ameaçam,  
nem se pode saber qual é o pior.

Eulália - E se você falasse ao professor?  
Talvez lhe despertasse a consciencia.

Alfredo - Quando o amor chegou ao ponto de arrastar  
um homem como êle a uma imprudência,  
já não se tem mais nada que esperar.  
Eu já falei com êle.

Eulália - E o que lhe disse?

Alfredo - Falou em amor... em solidão... saudade...  
no seu anseio de felicidade...  
na penumbra em que vive... e finalmente,  
acabou por dizer uma tolice:

Diogo - Você a ama, eu sei e é só por isto  
que vem aqui dizer-me estas sandices,  
alegando a "amissão" que me tem.  
Sai daqui. Não quero mais ouvi-lo  
e nem desejo vê-lo, nunca mais!...

Alfredo - Diante disto, então, eu compreendi que não tinha mais nada a lhe dizer e saí cabisbaixo e amargurado.

Eulália - E dizer-se que eu nunca pressenti a desgraça que iria acontecer para castigo atroz dos meus pecados!... (Pausa e tom)

Não me resta mais nada, eu vejo, então, de que deixar chorar meu coração e que o tempo resolva o que quiser!

Alfredo - Teimosia!... Teimosia!... Bem razão tinha aquele que dizia que o teu nome é mulher!...

Eulália - Si ao menos me ocorresse uma desculpa, capaz de retardar essa desgraça...

eu iria, talvez, me acostumando e, pouco a pouco, me resignando com a ideia terrível da união de dois seres assim tão desiguais; mas do jeito que foi, tão de repente, o caso pode até causar à gente um choque de paralisção.

Alfredo - Dona Eulália, eu estava aqui pensando num ardil que talvez vá protelando este caso e que seja a solução.

Eulália - Diga-o por Deus, Alfredo, sem demora!

Alfredo - Foi uma ideia que me veio agora, enquanto eu escutava o que a senhora estava me falando. Faça o seguinte:

Diga que foi tirar informações do seu futuro genro e que lhe deram as melhores que possa desejar um coração de não com ambições. (Vai afastando) Fije-se, então alegre e arrependida da opção que fez...

OPERADOR - ENTRA COM CORTINA MUSICAL, ABAFANDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS.

Eulália - Isabel, minha filha, estou contente,  
muito contente mesmo, podes crêr.  
Eu não tinha motivos, realmente,  
de estar sangada ou de me aborrecer.

E já que erreí, quero pedir desculpas  
da minha falta e me penitenciar

Isabel - Francamente, mããe! Que hei de pensar?

Fas, talvez, pouco mais de meia hora  
que a vi sair, nervosa, porta afôra,  
a procura de alguém pra derramar  
toda a sua revolta e a sua mágoa  
e agora volta alegre e satisfeita?!...

Eulália - Que foi que aconteceu? ~~Quem~~ que se passou?  
Eu me sinto confusa e curiosa.

Eulália - É que ao ouvir, assim de sopetão,  
você me revelar que o professor  
era o homem a quem seu coração  
resolvera eleger para marido,  
achei a sua escolha tenebrosa  
e não pude conter ~~meu~~ meu pavor;  
mas depois de falar com tanta gente  
e de todos acharem-no excelente,  
enative que, afinal, me convencer  
que errada estava eu e não você.

Isabel - (radiante) Mãesinha! Que me disse! Isso é verdade?!...

Eulália - Como a que mais o fôr. Posso até lhe jurar.

Isabel - Não há necessidade. Sempre foi tão sincera...  
por que hei de imaginar ser falsidade  
aquilo que me disse?

Oh mãesinha querida, que alegria!  
Você nem sabe como estou feliz!...

Eulália - E eu também, Isabel. Por isso quero  
preparar uma festa para hoje,

quando seja pedida a sua mão.

E você não se opõe; não é verdade?

Pelo menos espero.

Isabel - Mas é claro que não.

Eulália - Pois então combinemos o seguinte:  
enquanto eu faço os bolos e os pudins,  
você vai convidar seus amigos e afins  
para virem, à noite, assistir o contrato.

Isabel - Agora sim, mãe. Agora estou contente  
e sinto o coração aliviado.

Eulália - Pois então vá avisar toda essa gente  
que venha logo para o seu noivado.

Isabel - (afastando-se) Vou sim, mãe. Imediatamente.

CENTRA REGRA - VAI AFASTANDO, COM A FALA ANTERIOR, PASSOS DE MOÇA.

Eulália - (depois de pausa) Tá nem sabes o plano que traçamos,  
na esperança de ver si te livramos  
dessa tua horrerosa obsessão!  
Que o bom Deus nos ajude e te convença  
que um casamento assim só traz descrença  
e a maior e cruel desilusão!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Eulália - (chegando) Estás pronta, Isabel? Todos te esperam.

Isabel - Quasi pronta, mãe; não me demoro.  
Meus convidados todos já vieram?

Eulália - Creio que todos, sim, menos Alfredo.

Isabel - Eu não o convidei.

Eulália - Fizeste muito mal.

Isabel - Só procedi assim, mãe, por medo  
que ele não contivesse o seu despeito  
e ofendesse, ou faltasse com o respeito  
ao mestre que é, agora, seu rival.

Eulália - Ele é um moço educado e incapaz  
de cometer qualquer leviandade  
que comprometa a sua educação.

Eu não creio que, sendo convidado, viesse aqui, como qualquer rapas leviano, insolente ou malcriado, ter um gesto qualquer de hostilidade ou uma atitude de provocação.

Isabel - Não se sabe. O ciúme, muitas vezes, nos leva a tantas coisas! E afinal, eu não o convidei por precaução.

Isabel - É possível que tenha feito mal, mas qualquer dia, quando o encontrar, darei a êle uma satisfação.

Eulália - Ao menos isso espero que tú faças. Já que viveram sempre em boas graças, um com o outro, eu não desejaria que, sem motivo algum justificado, vocês chegassem, pelo teu noivado, a romper relações.

Isabel - Pode estar descansada. Eu lhe darei, já disse, minhas explicações.

Mas agora eu lhe peço:  
não se amofine assim, nessa maneira, por coisas, afinal, de pouca monta.  
(TOM) E agora, mããe, quando quiser, poderemos descer. Eu estou pronta.

Eulália - Deixa-me ver-te, antes. (Pausa longa)  
Estás linda, meu bem, nêsse vestido!  
Teu noivo vai sentir-se envaidecido da noiva que escolheu.

Isabel - Meu noivo? Êle já veio?

Eulália - Tu mesma o recebi e por sinal que até me surpreendeu.

Isabel - Ora, essa! Por que?

Eulália - Êle chegou numa elegância tal que, no momento, nem o conheci.  
Luzas brancas... polfinas amarelas...

Isabel - (desagrado) Poléias amarelas?

(meio tom) Virgem Nossa!...

Eulália - (animando-se) Bengala escura, de castão de prata...

meias brancas... sapatos de verniz...

de calça de flanela... cache-cól...

e um pince-nes de ouro no nariz.

Isabel - (desagrado) Pince-nes? Cache-cól?!... (baixo) Não pode ser!

Meu noivo precisava compreender

que ninguém usa coisa semelhante.

Eulália - Colete fantasia... um anel de brilhante...

de colarinho e punhos engomados...

chapéu côco e gravata borboleta.

Até me fez lembrar um lord inglês.

Isabel - Pois eu lhe digo, mãe, por minha vez,

que a descrição que acaba de fazer

é mais fácil lembrar um tenor de opereta.

Ele devia vêr que, assim vestido,

vai servir de chacota a toda gente.

Eulália - (simulação) Chacota, dizes tã!... Absolutamente!

Acalma dum vez a tua irritação

e vem comigo ver

Estão todos lá em baixo, no salão.

Isabel - Está bem, vamos descer.

OPERADOR - ORTINA MUSICAL.

Eulália - Estés muito cansada, minha filha?

Isabel - Cansada não direi. Aborrecida.

Eulália - Ora essa! Por que? Tudo correu tão bem

e a impressão mais exata que se tem

é que todos saíram satisfeitos.

As moças muito alegres... os rapazes também...

bebida farta... os doces muito bons...

Ativos e corretos os garçons...

o meu noivo francamente enamorado...

A mãe olhou tudo com cuidado,

para nada faltar.

(segue)

*assim*

Por que, agora, o semblante <sup>assim</sup> sangado,  
si nada aconteceu? (Pausa) *Será, talvez...*  
~~Vamos, fala. Chegou a tua vez.~~

Isabel - Foi meu noivo, mãe. Não me conformo com o ridículo enorme que ele fez.

Eulália - Teu noivo?!... Francamente... não entendo.

Isabel - Ora vamos, mãe! Eu estou vendo que a senhora está cega ou não quis ver. Era tantos a rir, mas tantos, tantos, que só se via gente pelos cantos procurando esconder os seus acéssos. Os rapazes fugiam pra o jardim e riam-se às bandeiras despregadas, como se fossem loucos ou possessos. As senhoras chegavam junto a mim e me olhavam com pena ou com desdém; logo após, quando olhavam pra o meu noivo, mal continham, na boca, a gargalhada. Eu me senti tão mal... tão humilhada... que nem sei, francamente, o que fazer! Ajude-me, mãe. Estou desesperada!

Eulália - Mas ajudar-te em que?! Que queres tu que eu faça!

Isabel - Que me dê um conselho que desfaça a minha angústia e a minha indecisão.

Eulália - Conselhos, minha filha, para o amor, a gente só os pede ao coração. Consulta o teu e faz o que ele manda.

Isabel - O coração às vezes desmorreia e fugindo do rumo se desmanda, levando-nos com ele, de roldão. Não nos deixa pensar e nos arrasta, impiedoso, a derrotas fragorosas. Transforma em cardos as mais belas rosas e as corças de leuros em espinhos. Foi o que fez o meu, infelizmente! Amei o professor naquele ambiente de livros... maps-mundi... pergaminhos... quadro negro... tinteiros e cadernos

(segue)

e o coração deixando-se empolgar  
pela doçura dos seus olhos ternos,  
nada mais viu nem quiz considerar;  
mas hoje... vendo-o fora do seu meio,  
vestido de maneira tão exótica,  
constatei que é grotesco... velho... feio  
e que jamais o poderei amar.

Francamente, mãesinha, é de abismar  
que o ridículo atroz em que ele veio,  
fôsse capaz de tudo transformar!  
Estou tonta, nervosa, angustiada  
e sem saber o que fazer agora.

Eulália - Escreve-lhe uma carta, sem demora,  
confessando-lhe o erro cometido  
e pedindo perdão da tua falta.

Isabel - (animada) É verdade, mããe?! A senhora concorda?  
Posso mesmo fazer o que me dis  
sem receio que o fato lhe aborreça?

Eulália - Mas é claro que sim. Antes que o mal  
se aprofunde e a raiz se fortaleça,  
é tratar de arrancá-lo com a raiz.

Isabel - (contente) Pois então vou escrever. Que Deus me inspire  
(saindo) Nas palavras que deva lhe dizer.

CONTRA REGRA - PASSOS ACOMPANHANDO A FALA ANTERIOR. PORTA ABRE E FECHA 28.P.

Eulália - (depois de pausa) Obrigada, meu Deus! Quem pensaria  
que depois do noivado de um só dia,  
tudo isto viria a acontecer?!...

OFFENADOR - CORTINA MUSICAL.

Augusta - (afastada) Licença, professor?

Diogo - Podes entrar. Que há?

CONTRA REGRA - PASSOS SE APROXIMAM.

Augusta - Vim trazer seu café e esta carta  
que neste instante acaba de chegar.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE COLOCAR BANDEIJA SOBRE A MESA.

Diogo - Uma carta? Já sei. Decerto, agora,  
vão chegar muitas felicitações. (Pausa)  
que elegante envelope... e que fino papel!... (TOM)  
Mas espere... esta letra... é de Isabel!...

Augusta - A carta é dela, sim. Eu sei porque me disse a pessoa que a trouxe ha alguns instantes.

Diogo - (feliz) São sempre assim os corações amantes: não lhes basta falar, é preciso escrever. Mas deixemos de assunto e tratemos de ver que palavras amáveis minha noiva me dis. Isabel é um encanto e nem sabes, Augusta, como estou satisfeito e me sinto feliz!...

CONTRA REGRA - RASGA ENVELOPE E ABRE PAPEL DE CARTA.

Augusta - Eu tambem estaria, si não fôsse ter ela, como tem, tão pouca idade, pois sempre ouvi dizer que no equilíbrio está o segredo da felicidade.

Verdade é que sou bastante antiga e as coisas hoje em dia já não são da mesma forma, como antigamente. Em todo caso... a gente sempre sente, no geito como tudo se encaminha, o que pode ou não pode acontecer. Por isso é que eu lhe digo francamente: antes prever do que remediar.

Quem tem a sua idade já não pode se deixar arrastar por desastinos.

Isso é próprio dos moços, ou melhor, nem dos moços; é próprio dos meninos.

Nem mesmo a moço... (transição rápida) Virgem Nossa!...

As noticias são más, eu estou vendo.

Suas mãos... suas mãos estão tremendo... seu rosto está sem cor... transfiguração!...

Que foi?! Que aconteceu?! Não me esconda, por Deus!...

Diogo - Ora essa, esconder... Nunca te escondi nada.

(sofrendo) Esta carta contém a ~~crucel~~ punhalada que haveria de vir matar os sonhos meus!...

Augusta - Como assim? Francamente... não estou entendendo.

Diogo - Ouve a carta e assim já ficarás sabendo da mortalha cruel que envolveu o meu sonho. (lendo) "Meu caro Professor...

Isabel - (sem se aproximando de 2º para 1º plano, sem passos) Em suas mãos de poáho, tristonha e arrependida, esse anel de noivado

que ontem me poz no dedo, alegre e emocionado, beijando-o, a seguir, com verdadeira unção. Bem sei que este meu gesto irá surpreendê-lo, mas vou lhe garantir que, para resolvê-lo, toda a noite chorei o mais amargo pranto! Advinho a tristeza, a revolta e o espanto que há de lhe causar esta resolução; advinho a pergunta nos seus lábios aflitos e vou lhe responder: coisas do coração! Depois que vi selado o nosso compromisso, sósinha no meu quarto e olhando pro meu dedo, comecei realmente a pensar no futuro e logo me invadiu a sensação do medo. Um medo atroz, cruel, um medo angustiante do dia de amanhã que a gente nunca sabe si será de penumbra, ou de sol a preceito; e o medo foi crescendo... foi subindo... aumentando... e de tanto crescer acabou derrubando a muralha de fé construída em meu peito. (Pausa e tom) Perdõe, professor! Eu bem quisera amá-lo com cegueira e loucura, sem angústia ou temor e como sempre ouvi que quem ama não teme, convenci-me, afinal, que não lhe tenho amor! Não me odeie, eu lhe peço! Estou desesperada por me ver obrigada a ser franca e cruel; e esqueça, pra seu bem, a esperança frustrada que foi, na sua vida, um dia... a Isabel."

Diogo - (Pausa longa, suspiro fundo)

Isabel... Isabel... Que grande desventura!...  
Que amargo dissabor!...  
Tú foste a luz que trouxe claridade  
Ao crepúsculo triste da minh'alma,  
para, a seguir, jogá-lo em noite escura.  
Meu ser, antes imerso na tristeza,  
por um momento viu, na tua beleza  
e no esplendor da tua mocidade,  
a força que haveria de salvá-lo  
da penumbra em que estava a sucumbir;  
mas tú estavas longe... tão distante...  
que embora fôsse a luz clara e brilhante,  
tú só o iluminaste um breve instante,  
para envolvê-lo em trevas, a seguir! (Solúço. Pausa)

Augusta - (chorosa) Não chore, por favor!

Não mate a velha Augusta de dor e de aflição!...

Diogo - (reagindo) Chorar, eu? Quem disse que eu chorava?  
Estava a rir, Augusta. (força o riso) Eu não chorava, não.  
Eu rio, Augusta, eu rio. E sabes por que o faço?  
Quero rir de mim mesmo, dêste velho palhaço  
que viu brilhar, no céu, a estrela da ilusão  
e ao tentar envolvê-la num frenético abraço,  
desvairado e febril projetou-se no espaço,  
caindo, logo após, redondamente ao chão!...  
(Começa a gargalhar e termina soluçando) (SINAL)

OPERADOR - AO SINAL DO ESTÚDIO, ENTRA FORTE COM CORTINA DRAMÁTICA E  
FUENDE COM A CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 3º ATO.

Alfredo - A senhora outra vez?! Que agradável surpresa!  
Sente-se, por favor.

Eulália - Muito obrigada, Alfredo, a demora é pequena.  
Deixei todos à mesa,  
pretextando assistir uma novena  
e vim trazer-lhe a minha gratidão  
pelo sábio conselho que me deu.

e cujo efeito foi surpreendente!  
Tudo se transformou tão de repente  
que inda hoje, passados vários dias,  
eu pergunto a mim mesma si é verdade  
tudo que aconteceu. Parece um sonho!  
Que Deus lhe recompense, meu rapaz.

Alfredo - Que melhor recompensa, para mim,  
do que saber seu coração em paz?

Eulália - Muito obrigada, Alfredo.

Alfredo - E além de tudo,  
só em saber que, afinal, está afastado  
o perigo de um erro sem remédio,  
já me sinto bastante compensado.  
Quero bem a Isabel... sou seu amigo...

Eulália - (com intenção) Amigo só?... (Pausa)  
Pode falar, Alfredo.  
Eu me preso de ser compreensiva. (Nova pausa)

Alfredo - Bem, eu... eu...

Eulália - Vamos, rapaz. Pode falar sem medo.

Não precisa valer-se da evasiva  
e sem sentir qualquer constrangimento.  
Não é o amor um belo sentimento?

Alfredo - (pausa) Bem... que seja, então, já que assim quer.  
Para mim não existe outra mulher  
a quem eu possa amar com tanto ardor.  
Mas que fique entre nós o meu segredo,  
pois nunca confessei, nem mesmo a ela,  
o meu sonho de amor.

Eulália - Ora essa! Por que?

Alfredo - Porque assim como achei disparidade,  
unicamente por questão de idade,  
um casamento com o professor,  
também comigo eu via diferenças  
quasi impossíveis de conciliar.

Eulália - Diga quais são. Por Deus que não atino.

Alfredo - Porque é muito bondosa e tolerante.  
Basta pensar nos fatos, um instante,  
para ver como está muito distante  
uma rosa de um trevo.

Eulália - Inda não compreendi a diferença.  
Quer falar claramente?

Alfredo - Pois não, assim será. Si não me atrevo  
a pretender casar com Isabel,  
embora seja o bem que mais aspiro,  
é porque sou um milionário  
e eu pobre como Job, então prefiro  
viver a minha vida no retiro  
desta minha humildade, triste e só.

Eulália - Não concordo com a sua teoria.  
A noite não teria o mesmo encanto,  
si fôsse igual ao dia; e no entanto,  
sendo tão desiguais, tão bem se fundem  
que ha momentos em que ambos se confundem  
como quando um desponta e a outra morre.  
Assim, também, os seres diferentes  
podem bem se entender e não me ocorre  
a menor intenção de me interpor  
entre ela e você, si, por amor,  
resolverem unir as suas vidas.

Alfredo - Dona Eulália, que bom!... Isso é verdade?!...

Eulália - Como é verdade que os ajudarei  
em tudo que estiver ao meu alcance.  
Aproveite, portanto, a bela chance  
e corra em busca da felicidade!

OPERADOR - COMPINA MUSICAL.

Alfredo - Bom dia! Já tão cedo assim na rua?  
Que foi que aconteceu?

Isabel - Que eu saiba, nada.  
É a hora em que estou acostumada  
A sair, todo o dia, para a missa.  
Você, sim; eu estou surpreendida  
de encontrá-lo tão cedo por aqui.  
Que bicho lhe mordeu?!

Alfredo - O dedinho mindinho me contou  
que uma garota, linda como as fadas,  
diariamente, à luz das madrugadas,  
passava por aqui, para ir à igreja,  
levando nas mãos um bouquet.  
Vin logo para cá, mal veio o dia,  
pensando, curioso, quem seria,  
quando o dedinho me apontou você.

Isabel - E não caiu pra trás, desapontado?

Alfredo - Você sabe que não. Cair, por que?

Isabel - Pois olhe: si o dedinho fôsse meu  
e eu visse que êle havia me enganado,  
como justo castigo ao seu pecado,  
mandaria cortá-lo, bem ligeira.

Alfredo - Você diz essas coisas de faceira  
pois sabe que o dedinho falou certo.  
Sem a sua beleza e a sua graça,  
viver aqui seria uma desgraça  
e uma aridez igual à do deserto,  
onde tudo é vazio e tudo é tédio!  
Reinaría na terra o desencanto  
e uma monotonia sem remédio  
e quem buscasse luz encontraria  
um punhado de treva em cada canto!  
Pudesse eu, antes que me envolvesse,  
para sempre, a mortalha da descrença,  
ouvir dos lábios seus uma sentença  
favorável à minha pretensão  
e seria o mortal mais venturoso,  
mas eu sei que é tolice esperar tanto  
e por isso lhe digo: não me espanto  
que a sentença ditada seja "não"!

Isabel - Francamente... eu estou surpreendida  
com tudo quanto acabo de escutar!

(segue)

Sabia ser a amiga preferida,  
mas... não pensei que me quisesse assim,  
com tal entusiasmo e tanto ardor.  
E como espera um "não" vou ter o gosto  
de lhe surpreender, dizendo, em rosto,  
que é seu também, Alfredo, o meu amor!...

Alfredo - Querida de minh'alma!... Isto é verdade?!...

Isabel - Posso jurar pela felicidade  
que ambos pretendemos alcançar!...

OPERADOR - SINO À DISTÂNCIA, CHAMANDO PARA A MISSA.

Alfredo - Tanta alegria assim me faz ter medo!

Isabel - Não é preciso ter. Vamos, Alfredo,  
que a voz do sino sã, a nos chamar!...

OPERADOR - SOBE O SINO POR MOMENTOS, FUNDE CORTINA RÁPIDA.

Isabel - Mãe, querida, trago uma notícia  
bastante alvicaireira pra te dar:  
a sorte, desta vez, me foi propícia  
e penso que, afinal, vou me casar.

Eulália - Minha filha! Que disse?! É verdade?!...

Isabel - Verdade, sim e desta vez espero  
que não me cause, o homem a quem quero,  
a menor e fugas com a liberdade.

Eulália - Si o noivo fôr aquele que imagino,  
desta vez, penso eu, tiveste tino,  
e escolheste o rapaz muito a meu gosto.  
O outro... francamente... que desgosto...

causaste a nós e com certeza a ele,  
quando viste a tolice cometida  
e resolveste tudo terminar!

Isabel - Não falemos mais nisto. Aguas passadas  
nunca fizeram um moinho aniar.  
Falemos do presente, que é risonho  
e me conduz, nas asas do meu sonho,  
para um futuro de felicidade!

Eulália - Está bem, esqueçamos o passado  
que foi um sonho mau que tú tiveste,  
para pensar somente no porvir.  
Mas vamos a saber... tú não disseste  
o nome do meu genro, até agora...

Isabel - Não preciso dizer. Bem que a senhora  
está sabendo quem é. Não fiz segredo

(segue)

de um namoro bem longo que tivemos  
e agora, esta semana, quer Alfredo  
vir pedir minha mão em casamento.  
A senhora consente?

Eulália - Mas é claro!

E podes crer que estou muito contente.  
A mocidade exige mocidade  
e por isso se vê, na sociedade,  
desajustes cruéis, decepções.  
Moças que olhando, antes de mais nada,  
a fortuna do noivo, ambicionada  
por seus interesseiros corações,  
desprezaram sensíveis diferenças  
e abandonando restrições e crenças,  
entregaram-se aos homens sem amor.  
Outras levadas pelo entusiasmo  
de uma falsa ilusão, não esperaram  
que o tempo lhes mostrasse o seu engano  
causando, aos corações, o maior dano  
e a mais terrível das decepções.  
Por isso é que me sinto satisfeita  
pela escolha acertada que fizeste  
e maior alegria ainda me deste  
por ser ele tão jovem como tu  
e só ter por fortuna o seu valor,  
seu amor ao trabalho e a alma nobre.

Um tal rapaz, embora seja pobre,  
se faz merecedor do nosso apreço.

(TOM) Até que enfim, parece que vou ter  
o descanso e a alegria que mereço!

Isabel - Saiba, então, que ainda mais me regosijo  
por vê-la tão contente e satisfeita.

Eulália - Elevemos a Deus as nossas graças  
e que a sua vontade seja feita...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Alfredo - Amanhã nos casamos, finalmente,  
depois de vários meses de noivado!  
Até que enfim o dia vai chegar!...

Eulália - (rindo) Minha filha, eu te digo francamente:  
nunca vi noivo assim tão apurado  
e com tanta vontade de casar!

Isabel - Chegava a dar uma aflição na gente  
em ver a impaciência do coitado.  
Sinceramente que era de pasmar!... (ri)

Eulália - (rindo) Nem queria esperar que se aprontasse todo o teu enxoval... Eu te affianço que jamais vi, na vida, coisa assim.

Alfredo - Devem culpar o amor e não a mim.

O coração a êle se escravisa e passa a obedecê-lo cegamente. Era êle, afinal, quem comandava toda a minha aflição e impaciencia. Eu fechava os meus olhos e seguia a sua imposição porque sabia que era inútil opôr-lhe resistência. Foi terrível a espera, mas, enfim... amanhã uniremos nossas vidas!...

~~esse minha agonia terá fim?~~

Havemos de viver, enamorados, uma vida de amor e de venturas!...

Eulália - Si Deus quizer! Tenho elevado a Mãe as preces mais sinceras e mais puras!

Isabel - Vocês querem saber? Estou nervosa com a aproximação do casamento.

Eulália - É muito natural; e no momento, podes crer, inda mais tú vais ficar. Eu me lembro tão bem da minha vez!... Como estava nervosa, ao casar!... Embora parecesse estar no céu, estava de tal jeito emocionada que nem podia colocar o véo. Si mãe não corresse a me ajudar, eu teria, por certo, me atrasado.

Isabel - Si igual acontecer e eu me atrasar... sei que o meu noivo vai ficar sangado.

Alfredo - Sem dúvida que vou. Também... pudera! Depois de tantos meses de uma espera que nunca mais findava, inda esperar, nervoso e impaciente, no altar, que a noiva se resolva a aparecer... é coisa do sujeito enlouquecer!

Eulália - (rindo) É rapaz bem afoito e impaciente! Nem quero me lembrar si, de repente, um bebê se anuncia por chegar!

Isabel - (rindo) Nem fale, por favor! Que impertinente vai ficar esse homem a esperar!... (ri)

Alfredo - Também... nem tanto ao mar, nem tanto à terra.  
Si não houver remédio... esperarei.

Eulália - Mas resingando, sempre, com a demora.

Isabel - É lógico que sim. Isso eu bem sei.

Alfredo - Até você também é exagerada?  
Hei de portar-me bem, ambas verão.

Isabel - É o que desejo, amor, de coração.

Eulália - Muito bem, a conversa está animada  
mas vou fazer um cafésinho agora.

Alfredo - (brincando) Isso é que é sogra boa! Pode ir.

Eulália - (idem) E depois, Isabel, vamos dormir  
que ele está louco para ir embora!...

(RIEM OS TRES ALEGREMENTE)

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA, FUNDE COM MELODIA TRISTE E SUAVE EM B/G.

Diogo - Hoje é o dia em que fecho a sepultura  
do cadaver horrendo do meu sonho  
e me entrego, afinal, à desventura  
de sentir a saudade cruciante  
de um bem que não durou mais que um instante  
e que logo em seguida se esfumou.

~~Isabel foi, um dia, o fôgo fátuo~~  
dentro da treva densa de minha alma,  
riscando de esperança um céu vazio  
com a luz verde-azul de uma promessa.  
Durou pouco essa luz, pois, bem depressa,  
um vento forte, penetrante e frio,  
meu coração em trevas mergulhou.  
Esperei, vários meses, paciente,  
que o destino a trouxesse, novamente,  
aos afagos da minha adoração,  
mas hoje ela se casa com Alfredo,  
deixando-me sózinho, entregue ao medo,  
à dor, à angústia e à desesperação! (Pausa e tom)  
Por que te interpuzeste em meu caminho,  
si não tinhas certeza de querer-me!...

Por que mentir amor, fingir carinho,  
si não sabias bem o que sentias?!...  
Por que dar-me a provar um mel tão doce  
e veneno depois, nos outros dias?!...

Si soubesses o mal que me fizeste,  
eu bem sei, Isabel, que não terias  
a coragem de ~~dar-me um mel tão doce~~  
~~deixando um coração em agonias!~~  
*e veneno depois, nos outros dias!...* (segue)

Enfim... o mal está feito e é sem remédio.

Seguirei suportando a dor e o tédio  
até que cesse o meu pesar, um dia!...

Disse alguém que o maior dos desalentos  
é viver-se uma vida sem amar;  
mas agora a esse alguém posso afirmar:  
bem pior é amar por uns momentos  
e viver da saudade desse amor!...

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO.

Augusta - (2º plano) Vim trazer o seu lanche, professor.

CONTRA REGRA - FECHA PORTA EM 2º PLANO E APROXIMA PASSOS DE VELHA.

Augusta - Ovos quentes... mingau de milho...  
e os biscoitinhos bons que o senhor gosta.  
Acabei de fazê-los há pouquinho.

Diogo - Muito obrigado, Augusta, tenho pena  
mas não posso comer sem ter vontade.

Augusta - Mas não pode ficar, na sua idade,  
toda uma tarde sem se alimentar;  
pode ser que ao provar um biscoitinho,  
a vontade desperte. Quer provar?

Diogo - Não posso, Augusta; eu sei que qualquer coisa  
Si que comer me dará perturbação.  
Meu fígado talvez não ande bem...

Augusta - Não é o fígado, não. É o coração.  
Eu bem que lhe fiz ver que era loucura,  
já que a vida ia andando a certa altura,  
enredar-se nas teias da paixão.

Diogo - (aborrecido) Ora cala-te, Augusta, por favor!

Augusta - Desculpe, mas não calo, professor.  
Hei de sempre lembrar-lhe essa imprudência,  
como castigo à sua teimosia  
de não ouvir a voz da experiência.  
Bastante lhe avisei. Foram sem conta  
as vezes que o senhor brigou comigo.  
E por fim, já vivíamos de ponta  
porque era o dia todo discussão.  
Resultado: a alegria foi-se embora  
e a tristeza até hoje ainda mora  
no seu pobre e dorido coração!

Diogo - (desespero) Por Deus, Augusta! Vais calar ou não?!...

Augusta - Bem quisera falar a vida inteira  
para lembrar o mal, constantemente  
e evitar que outra vez, como a primeira,  
a sua boa fé fosse traída;

(Segue)

mas como sei que a dor de uma ferida  
que nos causa um amor desesperado,  
tenho pena e lhe poupo o sofrimento.  
Si voltei ao assunto, no momento,  
foi porque recusou se alimentar.

Diogo - Si eu tomar qualquer coisa sem vontade,  
só poderá causar-me prejuizo.

Augusta - É uma tristeza! Uma infelicidade!...  
Professor... professor... tome juizo!

OPERADOR - SINO BADALANDO FESTIVO, APASTADO.

Diogo - Bem quisera tomar, mas não é fácil  
esquecer uma jovem como aquela. (brusco, sofrendo)  
Augusta, por favor, feche a janela  
que esse sino é uma lâmina que fere  
meu coração, impietosamente!

CONTRA REGRA - QUATRO PASSOS AFASTAM. FECHA JANELA 2º PIANO. VOLTAM.

OPERADOR - AO TEMPO QUE A JANELA FECHA, DIMINUIE O SINO MAS CONTINUA EM BG.

Diogo - Bem vejo o teu olhar, ansiosamente,  
perquirir meu olhar a este respeito.  
Tá não sabes que o sino que bimbalha  
é um punhal que se crava no meu peito?

Augusta - Um punhal?! Mas por que, Deus de minh'alma?!...  
Explique mais. Assim não é o bastante.

Diogo - Ela está se casando neste instante!  
Casando-se com outro, enquanto eu sofro  
~~a tortura infinita de não-lá~~  
*a saudade de quem bem que já foi em eu.*

Augusta - Isso me faz lembrar aquela historia  
do sapo que sonhou em ter a gloria  
de alcançar, no infinito, a luz da estrela!

Diogo - ~~É justamente o que me aconteceu~~  
(desespero) E esse sino não para. Já bateu  
mais que o tempo preciso e continua  
a badalar desesperadamente!...  
Deixa a alma da gente quasi nua,  
a tiritar de frio neste inverno  
que é só tristeza e desesperação!...  
(gritando) Para, sino do inferno! Para sino do inferno!  
Ou tu rebentas o coração meu!...

Augusta - (meia voz, chorosa) Deus do Céu, perdoai-o! Perdoai-o!  
Já não sabe o que diz! Enlouqueceu!...

OPERADOR - AUMENTA UM POUCO O SINO E PERMANECE.

Diogo - Repara bem, Augusta o que eles fazem:  
todos riem de mim, sem piedade!  
Eis...

(segue)

- Alfredo - (em 3º plano, gargalhada de escárnio)
- Diogo - Ela...
- Isabel - (em 3º plano, gargalhada de escárnio)
- Diogo - O sino...
- OPERADOR - AUMENTA MAIS O SINO UM INSTANTE APENAS E VOITA A B/G.
- Diogo - E toda a humanidade!...
- OPERADOR - EM 3º PLANO, DISCO DE GARGALHADAS DE MUITAS PESSOAS.- B3.
- Augusta - (afrita) Professor, tenha calma. Então... que é isto?  
(TOM) Por piedade valei-nos, Jesus Cristo!...
- Diogo - Eles riem de mim, estou ouvindo,  
mas agora eu também estarei rindo  
de todos eles, sem  $\acute{a}$  contemplação!...  
(Começa a rir baixo mas vai subindo até gargalhar e por  
fim o riso se transforma em soluços, por momentos.)  
(SINAL)
- OPERADOR - AO SINAL, NA MEDIDA QUE O RISO DE DIOGO VAI CRESCENDO, VAI  
apagando TODOS OS FUNDOS PARA FICAREM SÓ AS GARGALHADAS DO AMOR
- Augusta - (ao sinal, chorosa) Como é triste de ver-se a quem se estima  
nas convulsões de dor desenfreada. *Augusta canta!...*  
e saber-se que a fé que nos anima  
- de dar ao sofredor força e coragem -  
se dilui, prontamente, na voragem  
da mesma dor inensa e cruciante!...  
Só eu sei o que sofro, neste instante,  
ao ver, por fim, toda a inutilidade  
do meu esforço inenso e tão sincero!... (Chorando)  
A vida assim, meu Deus, para que a quero,  
si não pode servir a quem mais amo?  
e não lhe tras, sequer, tranquilidade?!...  
Levai-me, bom Senhor! Não valho nada!...  
Levai-me, bom Senhor, por piedade!... (Soluços moderados)
- Diogo - (refazendo-se, ante o desespero de Augusta)  
Augusta, por favor, não fica assim.  
Bem sabes que te quero e que és, pra mim,  
a mãe querida a quem não conheci. (TOM)  
Perdemos, ambos, a serenidade,  
mas já passou. É uma infantilidade  
estarmos a chorar por um amor  
que foi meu um instante e que perdi.  
Esqueçamos a angústia e o dissabor  
que a vida nos legou, pois bem sabemos  
que ela é feita de mágoas e de abrolhos.  
Já passou. Podes ver. Olha pra mim.
- Augusta - Não posso crer. Não passa a dor assim.
- Diogo - Pois si estou te dizendo... passou, sim.
- Augusta - Por que, então, há uma lágrima em seus olhos?

Diogo - Porque é uma lei da vida; estás ouvindo?  
 E as palavras da lei esouta agora:  
 Quando dois corações estão sorrindo...  
 um outro coração soluça... e chora!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 3º ATO.

D I S T R I B U I Ç Ã O:

(para a 1ª vez)

DIOGO .....	Roberto Lis
AUGUSTA .....	Nina Rosa
ALFREDO .....	Wilson Fregoso
ISABEL .....	Marisa Fernanda
EULÁLIA .....	Linda Gay

(para a 2ª vez)

DIOGO .....	Roberto Lis
AUGUSTA .....	Claudia Martins
Alfredo .....	Salinen Junior
ISABEL .....	Zaira Acauan
Eulália .....	Lourdes Helena